

# Índice

## *Preâmbulo*

	por George Sand . . . . .	9
I.	Do autor para o leitor . . . . .	11
II.	O labor . . . . .	17
III.	O tio Maurice . . . . .	27
IV.	Germain, o hábil lavrador . . . . .	31
V.	A Guillette . . . . .	37
VI.	O Pierre-Pequenito. . . . .	43
VII.	Na charneca. . . . .	51
VIII.	Debaixo dos carvalhos. . . . .	57
IX.	A Oração da noite . . . . .	65
X.	Apesar do frio . . . . .	71
XI.	Ao relento . . . . .	79
XII.	A Leoa da aldeia . . . . .	87
XIII.	O patrão . . . . .	93
XIV.	A Velha . . . . .	101

XV.	De regresso à quinta . . . . .	109
XVI.	A tia Maurice. . . . .	115
XVII.	A pequena Marie . . . . .	119

APÊNDICE

I.	As bodas no campo . . . . .	125
II.	As entregas. . . . .	133
III.	O casamento . . . . .	145
IV.	A couve . . . . .	153
	<i>Bibliografia</i> . . . . .	163
	<i>Notas do tradutor</i> . . . . .	165

## Preâmbulo<sup>1</sup>

Quando comecei, com *O Charco do Diabo*, uma série de romances campestres que me propunha reunir sob o título *Serões do Canhameiro*, não segui qualquer sistema, nem tive qualquer pretensão de revolucionar a literatura. Ninguém faz uma revolução sozinho, e revoluções há, sobretudo nas artes, que a humanidade concretiza sem saber bem como, porque cada um faz a sua parte. Mas isto não se aplica ao romance de costumes rústicos. Este existe desde sempre e em todas as formas, tanto pomposas como amaneiradas ou ingênuas. Já o disse, e devo repeti-lo aqui: desde sempre que o sonho da vida campestre é o ideal das cidades, e mesmo das cortes. Não fiz nada de novo ao seguir a tendência que leva o homem civilizado aos encantos da vida primitiva. Não quis criar uma nova língua nem procurar um novo estilo. No entanto, disseram-me que sim em vários folhetins, mas eu sei melhor do que ninguém em que pé estou quanto aos meus próprios projetos, e admira-me sempre que a crítica procure tão fundo, quando a ideia mais simples e a circunstância mais vulgar são a única inspiração à qual as produções de arte devem a existência. Para *O Charco do Diabo*, em particular, aquilo que registei no prólogo (uma gravura de Holbein<sup>2</sup> que me havia impressionado e uma cena real que decorria à

minha frente no mesmo momento, no tempo da sementeira) foi tudo o que me incitou a escrever esta história modesta, situada nas paisagens humildes que eu percorria todos os dias. Se me perguntarem o que quis fazer, responderei que quis fazer uma coisa muito tocante e muito simples, e que não fui tão bem-sucedido como pretendia. Eu bem vi, eu bem senti o belo no simples, mas ver e pintar são coisas muito diferentes! Tudo o que o artista pode esperar de melhor é motivar aqueles que têm olhos a ver também. Vede, pois, a simplicidade, vós outros, vede o céu e os campos, e as árvores, e os camponeses, sobretudo naquilo que têm de bom e de verdadeiro: vê-los-eis um pouco no meu livro; vê-los-eis muito melhor na natureza.

GEORGE SAND

Nohant, 12 de abril de 1851